

# O brincar de crianças em casa revelado em fotos<sup>1</sup>

## The children's play at home developing in pictures

Ilka Dias Bichara<sup>2</sup>

**Resumo:** O estudo visou identificar lugares de brincar, objetos utilizados e brincadeiras preferidas para brincar em casa a partir da visão das próprias crianças. Para tal utilizou-se a técnica de entrevista com fotos. Participaram 16 meninos e 23 meninas, de 6 a 10 anos, de status sócio-econômico baixo (SB) e médio (SM). Após a revelação das fotos, as crianças foram solicitadas a descrever os locais, os tipos de brincadeiras e os objetos fotografados. A categorização do conteúdo das fotografias e das entrevistas indicou três lugares preferenciais: sala de estar, o quarto e o quintal. Observou-se que as crianças elegem pequenos territórios onde realizam suas brincadeiras, principalmente as que envolvem faz-de-conta. Imaginar uma boneca em uma parede ou transformar um sofá em espaçonave envolve manipulação criativa dos materiais, experimentação, exploração e uso do espaço de formas as mais diversas. O uso de fotografias se mostrou eficaz para acessar os olhares e opiniões das crianças.

**Palavras-chave:** Brincadeira infantil; lugares de crianças; entrevista com fotos.

**Abstract:** This study aimed to identify playing places, the objects used and the favorite children's play for playing at home from their own point of view. To that end, the technique of interviewing with pictures. 16 boys and 23 girls aging from 6 to 10 years old and from low and medium socioeconomic status took part in this survey. After the developing of the pictures, the children were requested to describe the places, the types of playing and the photographed objects. The categorization of the photograph and interview content indicated three favorite places: living room, bedroom and backyard. We observed that the children choose small territories to play – especially to develop pretend plays. Imagining a doll on the wall or transforming a sofa into a spacecraft involves creative manipulation of the material, experimentation, exploring and the use of space in the most diverse ways.

**Keys words:** children play, children's place, photo voice

---

1. Apoio FAPESB

2. Universidade Federal da Bahia

## Introdução

A investigação do brincar das crianças em suas casas tem se resumido, quase que exclusivamente, a estudos que focalizam o brincar das mães com bebês e crianças pequenas. Estudos que buscam elucidar o como as crianças brincam em casa, como ressignificam espaços e objetos, escolhem parceiros, entre outros aspectos relevantes no estudo das brincadeiras, encontram dificuldades metodológicas e éticas. Por isso a investigação sobre esse contexto geralmente é feita fora dele através de entrevistas com os pais ou com as próprias crianças (Poletto, 2005; Bomtempo, 1999). O desafio de compreender e acessar de forma mais direta esse contexto pressupõe priorizar a fala das crianças, seus olhares, opiniões e escolhas.

Porém, pesquisas que priorizam a fala das crianças impõem ao pesquisador o desafio de encontrar novos e inovativos métodos para que seus objetivos sejam plenamente alcançados, ou seja, que as crianças exponham seus pontos de vista de forma clara e livre de interferências. Como afirma Soares (2006), a necessidade de considerar as crianças como atores sociais e a infância como grupo social com direitos, implica também na indispensabilidade de se considerar novas formas de investigação com crianças.

Várias são as técnicas que vem sendo utilizadas com tal objetivo destacando-se nas duas últimas décadas o uso de mídias visuais seja para eliciar a fala das crianças, sejam elas mesmas como veículos da expressão do olhar infantil sobre os fenômenos. Esses recursos já amplamente utilizados em pesquisas com adultos passam a ser vistos como boas possibilidades metodológicas com crianças, principalmente na atualidade onde o uso de recursos tecnológicos já faz parte da rotina das crianças não havendo estranhamento nem dificuldades técnicas na sua utilização (Becker, 2013). Entre as chamadas metodologias visuais a fotografia se destaca por sua facilidade de aplicação e resultados imediatos (Flick, 2009).

## O uso de fotos em pesquisas

O uso de fotografias como recurso metodológico em estudos sobre o comportamento humano remonta ao século XIX. Charles Darwin, por exemplo, não só utilizou fotos em suas investigações sobre o caráter inato das expressões de emoções (Darwin, 1872), como recomendou o uso de fotos de expressões faciais para serem avaliadas quanto à emoção transmitida (Ades, 2009). Décadas depois Ekman (1973) utiliza esse método para comprovar a universalidade da produção e reconhecimento de expressões de emoções. Nessa mesma linha Eibl-Eibesfeldt (1970) realiza estudos interculturais fotografando expressões espontâneas de emoções com uma máquina adaptada com espelhos. Esse autor faz importante sistematização sobre tipos de sorriso e identifica algumas sequências comportamentais semelhantes em diversas culturas como, por exemplo, timidez, flerte e situações embaraçosas (Ajuria, 2003).

Flick (2009) relata certo renascimento das técnicas de observação que utilizam de mídias visuais como recurso auxiliar em pesquisas. A fotografia, particularmente, tem longa história na antropologia e etnografia. Fotos e vídeos podem ser utilizados em vários momentos da pesquisa e com objetivos diferentes.

Os usos de fotos acima relatados refletem o uso delas como recurso observacional

ou eliciador de comportamentos. Tal mecanismo tem sido muito utilizado em pesquisas nas ciências humanas e sociais e, particularmente na Psicologia. Porém, são poucos os estudos onde as metodologias visuais (produção de fotos e vídeos) sejam geradas pelos próprios participantes da pesquisa (Guillemin & Drew, 2010). Acredita-se que o uso de fotografias produzidas individualmente ou em grupos pode revelar escolha, valores, crenças e atitudes dos participantes (Vila, 2013).

Foi com esse objetivo que surgiu a técnica denominada *photovoice* (Wang, 2006) que é uma espécie de entrevista com fotografias. Segundo Guillemin & Drew (2010), a *photovoice* foi originalmente concebida como uma técnica grupal para a promoção de saúde, assim como para intervenções relacionadas à tomada de consciência de grupos associados a questões educacionais e sociais. Nesses estudos os participantes são munidos com câmaras e instigados a criar imagens baseadas em suas experiências ou em coisas e fatos que lhes sejam importantes em um determinado contexto. Geralmente os participantes desses estudos são oriundos de grupos sociais que não são freqüentemente ouvidos e vistos como promotores de mudanças sociais e/ou políticas de desenvolvimento (Annang et al, 2016).

Existem várias formas e técnicas diferentes para o uso desse recurso como, por exemplo, ser seguido por uma entrevista individual, por uma discussão em grupo focal, entre outros (Evans-Agnew & Rosemberg, 2016). Para Guillemin & Drew (2010) a cronicidade do uso das fotos e entrevistas nesse tipo de pesquisa é fator preponderante: se ocorrem antes da entrevista, se durante ou após. No antes, é valorizado o processo de envolvimento dos participantes na produção das imagens, no durante, se valoriza a mediação dos dados na medida em que são produzidos através dessas metodologias; no depois, é valorizado o processo de interpretação e análise.

Recentemente, muitos estudos têm utilizado o método da *photovoice* com crianças. São estudos voltados principalmente para a promoção da saúde e bem estar das crianças em vários países e situações, como por exemplo, em orfanatos (Johnson, 2011), em atividades físicas e combate a obesidade infantil (Alexander et al, 2014; Heidelberger & Smith, 2016), em comunidades pobres na África (Benninger & Savahl, 2016), entre outros.

### **Fotos, crianças e brincadeiras**

Além da *photovoice* outros métodos que incluem a produção de fotos também têm sido usados em estudos sobre brincadeiras e outros fenômenos típicos da infância. Castonguay & Jutras (2009) ressaltam que o uso de fotos tiradas pelas crianças, às tornam sujeitos ativos da pesquisa por permitir que expressem seus pontos de vista através da seleção de espaços e objetos efetivamente fotografados. Essas fotos podem servir como suporte à expressão verbal e como fonte de informação visual. Os autores ainda salientam a vantagem dessa técnica por não necessitar que a criança leia ou escreva, o que pode ser muito útil na investigação com crianças pequenas.

Entre esses estudos destaca-se o de Berenstein e Magalhães (2009), realizado em Zanzibar (Tanzânia), onde crianças fotografaram suas brincadeiras, ambientes para brincar e parceiros durante uma semana. Os autores constataram criatividade, uso de recursos naturais assim como influencias das tradições culturais da comunidade e da pobreza da região nas brincadeiras e nos objetos utilizados para brincar.

Interessante também o estudo de Alexander, Frohlich e Fusco (2014) que permitiu uma problematização sobre a visão utilitarista da brincadeira, como promotoras da saúde física e no combate a obesidade. Ao utilizar fotos e entrevistas para conhecer as representações das

crianças sobre o brincar, constataram que para as crianças brincar: é um fim em si mesmo; brincar envolve mais que exercício físico; existe uma ambivalência sobre o que pensam sobre a brincadeira programada (dirigida pelos adultos); e o risco envolvido é considerado prazeroso para as crianças. Ou seja, ficou evidente a dissonância entre a visão dos adultos e a das crianças.

Com o objetivo de conhecer a opinião das crianças sobre suas escolhas e apropriações de lugares para brincar, Rasmussen (2004) realizou uma pesquisa na Dinamarca onde eram disponibilizadas máquinas fotográficas para que as crianças fotografassem seus lugares preferidos para brincar: em casa, na escola e em instituições recreativas. Esse autor diferencia os lugares preparados pelos adultos e ofertados as crianças os quais ele chamou de 'lugares para crianças' (*places for childrens*), dos lugares apropriados e ressignificados por elas os quais chamou de 'lugares de crianças' (*children's places*). Em seu estudo com fotografias pode comprovar que as crianças sempre elegem certos lugares como preferidos de acordo com o contexto e o tipo de brincadeiras ali desenvolvidas.

O estudo de Rasmussen (2004) serviu de inspiração para Bichara et al (2013) que desenvolveram um amplo projeto sobre espaços urbanos de brincadeiras na cidade de Salvador (BA), cuja quarta fase constou de uma adaptação do estudo realizado na Dinamarca, em que as próprias crianças foram chamadas a indicar seus lugares preferidos para brincar em casa, na escola e em algum lugar externo, através de fotografias acompanhadas de entrevista (Bichara et al, 2013).

Todos os estudos acima citados evidenciam a pertinência do uso de fotografias como forma de participação infantil na pesquisa. Para as crianças que ainda estão desenvolvendo sua capacidade de articular verbalmente os pensamentos e, ao mesmo tempo, repletas de criatividade e espontaneidade, essa é uma forma apropriada de capturar suas experiências e percepções.

Assim, o objetivo da pesquisa aqui descrita, recorte da pesquisa maior referida acima, foi o de identificar lugares de brincar, objetos utilizados e brincadeiras preferidas no ambiente da casa a partir da visão das próprias crianças através do uso de fotografias produzidas por elas. Complementarmente se buscou também conhecer as formas de adaptação e ressignificação de lugares e objetos nesse contexto.

Vale ressaltar que essa estratégia de dar voz a criança vai além de ser apenas uma escolha metodológica, mas uma opção política que sai de uma perspectiva centrada no adulto para uma perspectiva centrada na criança (Griffiths, 2011). Nesta perspectiva percebe-se a criança como co-construtora de conhecimento.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 16 meninos e 23 meninas, de 6 a 10 anos, residentes na cidade de Salvador, Bahia, de *status* socioeconômico baixo (SB) e médio (SM), escolhidos por acessibilidade, caracterizando o tipo de amostragem por cadeia ou rede em que umas pessoas indicam outras (nesse caso através de escolas, amigos, conhecidos). O critério principal de associação a um dos dois *status* socioeconômico foi a moradia, tanto em termos do bairro onde se encontravam (bairros característicos de *status* socioeconômico médio ou bairros incluídos na periferia da cidade), quanto das condições aparentes da residência (dimensões, estrutura física da residência, entre outros indicadores).

A adoção desse critério foi baseada no conhecimento de que o crescimento ocorrido nas grandes cidades brasileiras ao longo do século XX veio acompanhado de desigualdades na ocupação do espaço urbano, ocasionando o fenômeno da periferização das cidades pelas populações mais pobres. O fator definidor foi o consenso entre os membros do grupo de pesquisa sobre em qual categoria enquadrar tal ou qual criança.

## Procedimentos

Na produção dos dados foi utilizada a técnica de entrevista com fotos, considerada uma estratégia de pesquisa de ação participativa, em que a fotografia é usada para expressar as opiniões e experiências de indivíduos ou comunidades (Wang, 2006). No primeiro momento o pesquisador verificou o interesse da criança, em participar do estudo, e, no segundo momento, assegurou o consentimento dos pais sobre sua participação. Todas as etapas do processo de coleta de dados foram devidamente informadas à criança: (1) as instruções e teste sobre o uso da máquina fotográfica; (2) o que deveria fotografar; (3) a data de entrega do material; e (4) o encontro para conversarem a respeito das fotografias depois de reveladas (entrevista).

Cada participante recebeu uma máquina fotográfica descartável, com a instrução para fazer duas fotos do local, em sua casa, no qual mais gosta de brincar. O pesquisador demonstrou à criança o funcionamento da máquina e deu-lhe a oportunidade de tirar uma foto de teste, para esclarecer possíveis dúvidas. A criança tinha uma semana para completar a tarefa que, no projeto maior, incluía ainda fotografar também locais preferidos na escola e em algum ambiente externo. Após o cumprimento dessa etapa, as máquinas eram recolhidas para revelação e análise das imagens.

A instrução quanto ao participante fazer duas fotos garantiria que ao menos uma pudesse ser utilizada no estudo, já que alguma fotografia poderia queimar no processo de revelação ou perder a qualidade por motivos diversos. Após a revelação das fotos, o pesquisador encontrou-se novamente com a criança para a realização de uma entrevista semi-estruturada, na qual lhe foi solicitada que descrevesse o local fotografado, quais brincadeiras eram desenvolvidas nele, o porquê de ter escolhido cada ambiente, com quem brincava e esclarecimento de mais alguma informação de acordo com o conteúdo da imagem.

## Análise dos dados

Na análise dos dados foi utilizado o conteúdo das fotografias e a transcrição das entrevistas semi-estruturadas. Primeiro registrou-se em planilhas a identificação da criança, o sexo, o *status* sócio-econômico, a descrição das fotografias (os locais e objetos fotografados) e o conteúdo da entrevista.

Os elementos constantes das fotografias foram comparados com as informações obtidas nas entrevistas com as crianças, verificando-se o que de fato era lugar e objeto usado nas brincadeiras. Essas informações foram agrupadas, organizadas por tema, para análise posterior dos conteúdos das brincadeiras. Assim, as informações obtidas nas fotos e nas entrevistas foram categorizadas conforme o tipo de local, tipo de brincadeira desenvolvida e descrições das brincadeiras e objetos. Essas categorias foram analisadas em função do gênero e do *status* sócio-econômico.

A Tabela 1 mostra a distribuição dos participantes conforme o gênero e *status* socioeconômico, a quantidade de fotografias aproveitadas de acordo com a amostra e quantidade de brincadeiras mencionadas pelas crianças como preferencialmente executadas

nos lugares fotografados.

Tabela 1. Distribuição dos participantes segundo status sócio econômico, gênero, número de fotografias, número de fotografias com objetos e relatos sobre as brincadeiras.

	Status socioeconomico baixo		Status socioeconomico alto	
	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas
Participantes	9	11	7	12
Fotografias	14	15	13	16
Fotografias com objetos	6	5	6	12
Relatos sobre brincadeiras	14	18	21	22

Como pode ser visto a quantidade de fotografias não corresponde ao número de participantes, isto porque, apesar da instrução ser para que as crianças tirassem duas fotos do mesmo local algumas registraram mais de um lugar. Partindo do pressuposto de que a lógica que sustenta esse estudo é o de dar voz à criança, as fotos “excedentes” de cada criança não foram descartadas, mesmo com o risco de haver um viés nos resultados. A quantidade de brincadeiras mencionadas como brincadas nos lugares efetivamente fotografados também excede o número de fotografias indicando que várias brincadeiras podem ser brincadas nesses lugares.

### Questões éticas

A pesquisa descrita neste artigo fez parte de um projeto maior sobre espaços urbanos de brincadeiras, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia. Os devidos cuidados relacionados à proteção e sigilo dos participantes foram adotados. O primeiro passo do procedimento foi o assentimento da criança em participar do estudo e, em seguida, o consentimento assinado de um dos pais.

### Resultados e Discussão

Os dados foram primeiramente organizados de acordo com os locais da casa escolhidos pelas crianças, ou seja, quais cômodos ou outra configuração do espaço da casa foram efetivamente escolhidos e fotografados. A Tabela 2 apresenta as frequências, em percentuais, para cada um dos locais fotografados de acordo com o status socioeconômico e o gênero das crianças.

Tabela 2. Percentuais de frequências dos locais fotografados segundo o gênero e o status sócio econômico.

Locais fotografados	Status socioeconômico baixo		Status socioeconômico médio
	Menino	Menina	Menino
Sala de estar da casa	42,85%	40,00%	38,46%
Quarto da criança	21,42%	20,00%	23,07%
Quintal/Varanda	21,42%	33,33%	15,38%
Corredor	14,28%	6,66%	-
Outros	-	-	23,07%

Como pode ser visto, de forma geral, as crianças fotografaram majoritariamente três locais: sala de estar, o quarto e o quintal/varanda. Para meninos e meninas de *status* socioeconômico baixo (SB), a sala de casa foi percebida como o local mais atrativo, em relação aos demais espaços, para a realização das brincadeiras, sendo o quintal, a segunda escolha mais frequente. Já para as crianças de *status* socioeconômico médio (SM) percebem-se diferenças associadas ao gênero: as meninas escolheram o quarto e os meninos a sala.

É possível que, por habitarem residências com estrutura de espaço mais reduzido, com poucos cômodos, as crianças de SB restringiram a diversificação de suas escolhas, dessa forma, meninos e meninas fotografaram espaços semelhantes. Em contrapartida, as crianças de SM, cujas residências são mais amplas, com mais cômodos, podem ocupar espaços diversificados dentro da casa. Uma das meninas participantes da pesquisa chega a ter um quarto só para brincar.

Outro aspecto a ser considerado e que pode ter influenciado a escolha das crianças, associou-se ao tipo de moradia: casa térrea ou apartamento. Todas as 20 crianças de SB residiam em casas térreas, diferente das de SM, que de um total de 19 crianças, seis residiam em casas térreas e 13 em apartamentos. Esse dado pode explicar a frequência mais elevada na categoria Quintal/Varanda das crianças de SB, se comparada às crianças de SM.

Alguns apartamentos até possuem varandas, mas normalmente são utilizadas mais para a socialização dos adultos do que como um espaço de brincadeira para as crianças, e, muitas vezes, esse local costuma ser visto como perigoso pelos adultos. Nesse ponto, é importante ressaltar que apesar da demasiada preocupação dos adultos com os perigos das ruas (Elsley, 2004) é justamente dentro da casa onde as crianças estatisticamente correm mais riscos, devido aos acidentes domésticos (Valentine, 1997)

Porém o dado mais interessante quando se observam estas fotografias é a quase ausência de fotos que abarquem todo o cômodo (apenas 3), na maioria das fotos a criança fotografou um lugar delimitado, um pequeno território favorito, onde dispôs seus brinquedos. As figuras 1 e 2 mostram que independentemente do status sócio econômico e do gênero da criança as fotos se parecem. As diferenças encontram-se nas características das casas e dos brinquedos escolhidos.

Rasmussen (2004) observou este mesmo fenômeno em seu estudo na Dinamarca. Não importava se a foto era de um lugar de dentro de casa, na escola ou na rua, a criança sempre escolhia um pequeno sítio. Carvalho e Pedrosa (2003:40) também descrevem a formação desses territórios por crianças pequenas e ressaltam a importância deste fenômeno: “Um berço, uma casinha, um território são criados pelas crianças em cenários

os mais diversos, a depender dos propósitos de suas brincadeiras. Dispondo de muito ou quase nenhum recurso de manipulação, as crianças imaginam seus espaços, delimitam seus territórios e tecem enredos que lhes convenham”.



Figura 1 – fotografia tirada por menina SM



Figura 2 – Fotografia tirada por menino SB

Outro fenômeno observado foi o da relação dentro/fora (Griffiths; 2011). Todas as fotos das crianças SM revelam cenários no interior das casas, enquanto que entre as crianças SB além dos quintais e varandas já mencionados aparece também a porta que dá para fora de casa como um desses pequenos territórios favoritos. Isso revela que para as famílias moradoras dos bairros periféricos, a rua pode não ser tão impeditiva para as crianças quanto em áreas mais centrais da cidade. A figura 3 mostra um desses cenários.



Figura 3 – Fotografia de menino na porta de sua casa

Como pode ser visto em todas as figuras apresentadas, as crianças arrumam o cenário fotografado com seus brinquedos preferidos ou aqueles que ela julgou serem os mais utilizados para brincar naquele lugar específico. Pahl (2006) encontrou o mesmo tipo de disposição dos brinquedos em fotos tiradas por meninos dentro de suas casas na cidade de Londres. Essa autora observou que a disposição dos brinquedos ou indicava uma ação ou se caracterizava como a apresentação de uma coleção. Em Londres as crianças também dispuseram os brinquedos no chão do quarto ou da sala e, curiosamente, algumas fotos são muito semelhantes às dispostas nas figuras 1 e 2 expostas acima.

Passou-se então a enumerar, categorizar e analisar os objetos fotografados. Destacaram-se os aparelhos eletrônicos (computador, videogame e televisão), conjunto de brinquedos manufaturados (miniaturas), objetos diversos (cama, objetos de ornamentação) e outros brinquedos (skate, bola, carrinho de boneca). As meninas incluíram mais objetos em suas fotos, principalmente as SM que em 12 das 14 fotografias computadas continham brinquedos sendo os aparelhos eletrônicos e conjuntos de brinquedos manufaturados os mais freqüentes.

Na pesquisa realizada por Poletto (2005) os brinquedos industrializados (carrinhos e bonecas) e os jogos foram os mais citados pelas crianças como aqueles ideais para brincar em casa. Bomtempo (1999) argumenta que uma das razões das crianças, principalmente as menores, preferirem brincar em casa, é pelo fato de neste contexto poderem se cercar de seus brinquedos favoritos.

Mas, do que brincam essas crianças nesses lugares e com esses objetos? Nas entrevistas foram mencionadas muitas brincadeiras, com nomes e descrições diferentes que buscamos organizar por tipos adaptando uma classificação utilizada por Beraldo e Carvalho (2003) em situação semelhante: faz-de-conta, jogos eletrônicos, brincadeiras com bola, bicicleta, luta, correr e perseguir, brincar na rua, outras atividades lúdicas (assistir tv, desenhar, cantar etc.). A Tabela 3 mostra a frequência dessas categorias nas citações das crianças de acordo com o gênero e o *status* socioeconômico.

Tabela 3. Frequências dos tipos de brincadeira segundo o gênero e o status socioeconômico baixo (SB) e o status socioeconômico médio (SM).

Tipos de brincadeira	SB		SM
	Menino	Menina	Menino
Faz de conta	42,86%	66,67%	23,81%
Jogos eletrônicos	7,14%	-	14,28%
Bola	14,28%	-	19,05%
Correr, perseguir	7,14%	16,67%	9,52%
Bicicletas	-	5,55%	9,52%
Luta	-	5,55%	4,76%
Rua	-	5,55%	-
Outras atividades	28,57%	-	19,04%

O tipo de brincadeira mais citado foi o faz-de-conta e o único que aparece em todos os seguimentos da amostra. Esse dado é coincidente com os encontrados por Poletto (2005) em Caxias do Sul, onde 65% das crianças entrevistadas disseram brincar em casa de brincadeiras que envolviam bonecas e carrinhos.

Um exemplo bem interessante de como esse tipo de brincadeira acontece nos lugares da casa e de como as crianças se apropriam e ressignificam espaço, móveis e demais objetos nos foi dado pelo menino J de 8 anos (SB) que fotografou o sofá na sala de sua casa. Ele descreve no relato que “no sofá” (ele e um primo que é seu vizinho) “brincam de espaçonave”. Pegam “o casaco e fazem de conta que é um pára-quedas” e “pilotam a espaçonave no sofá”, e quando a espaçonave quebra, “puxam a cordinha” e “o pára-quedas se abre” e eles pulam do sofá.

Carvalho e Pedrosa (2003:43) se referindo a esse tipo de ressignificação e construção de objetos e lugares pelas crianças explicam muito adequadamente esse processo ao dizerem que “sob o aspecto da atividade construtiva, casinha e veículos parecem semelhantes em termos de motivações. Nos dois casos, está envolvida a manipulação criativa dos materiais, a experimentação, a exploração e uso do espaço, a constituição de suportes para a fantasia e o faz-de-conta”.

Em outro relato muito instigante a menina L, de 7 anos (SB), que fotografou uma parede com uma bola ao lado, relatou posteriormente que a parede era a boneca, e que dava-lhe “comidinha e café” e “conversava com a parede (boneca)” de nome “Isabela”. A menina também relatou ao pesquisador que “a boneca dorme em pé, mas não tem olho, não tem corpo, não tem nada”. Ou seja, as possibilidades das crianças ressignificarem e manipularem criativamente seus lugares parecem não ter limites.

*Correr e perseguir* também foi citado por todos os segmentos só que com frequência bem menor. Já os jogos eletrônicos, que não foram citados por todos os segmentos (as

meninas de SB não o citaram) tiveram alta frequência de citações, principalmente entre as meninas SM, o que implica em clara diferenciação associada ao status sócio econômico já que implica em posse de objetos relativamente caros. Os outros tipos de brincadeiras tiveram citações mais pontuais e dispersas.

### Considerações finais

Apesar dos limites próprios de um estudo exploratório, procurou-se conhecer as escolhas e ressignificações dos espaços de casa na brincadeira de meninos e meninas sob seus olhares, revelados nas fotos que elas mesmas tiraram associadas aos seus relatos. As fotografias indicaram os diversos lugares que as crianças elegeram para brincar nos espaços internos da casa, assim como, a existência de interação entre o fenômeno da brincadeira e variáveis tais como gênero e *status* socioeconômico (tipo de moradia), nesse caso estas influenciando no direcionamento das escolhas.

Bomtempo (1999) salienta que o ambiente é de suma importância para a criança. Livre para explorar de acordo com seu ritmo, e autocontrolar suas atividades, o ambiente a encoraja a uma série de descobertas e lhe dá respostas imediatas. Além disso, as propriedades espaciais são aprendidas quando as crianças se relacionam de forma concreta com o espaço, adaptando e recriando novas possibilidades de uso em suas brincadeiras, como fizeram as crianças citadas nos dois exemplos acima relatados. Imaginar uma boneca em uma parede ou transformar um sofá em espaçonave indica o que Carvalho e Pedrosa (2003) chamaram de manipulação criativa dos materiais, que envolvem a experimentação, a exploração e uso do espaço de formas as mais diversas.

O método utilizado se mostrou adequado e pode revelar o olhar da criança para o contexto e, com isso, pudemos adentrar em sua casa e conhecer um pouco de como se brinca em seu interior. Acreditamos que, com essa metodologia, uma porta se abriu para que se possa conhecer opiniões e representações das crianças sobre o brincar, evidenciando um promissor campo de pesquisa envolvendo fenômenos da infância.

### Referências

- Ades, C. (2009). Um olhar evolucionista para a psicologia. In: Otta, E.; Yamamoto, M.E. (Orgs.). Fundamentos de Psicologia: Psicologia Evolucionista. São Paulo: Guanabara Koogan: 9-15.
- Ajuria, H. A. de A. (2003). La comunicación no verbal: interrelaciones entre las expresiones faciales innatas y las aprendidas. *Gazeta de Antropología*, 19, artículo 19, 1-9.
- Alexander, S. A.; Frohlich, K. L. ; Fusco, C. (2014). Problematizing “Play-for-Health” Discourses Through Children’s Photo-Elicited Narrative. *Qualitative Health Research*, Vol. 24(10) 1329 –134
- Annang, L.; Wilson, S.; Tinago, C.; Sanders, L. W; Beington, T.; Cornelius, E.; Svendsen, E. (2016). Photovoice: Assessing the Long-Term Impact of a Disaster on a Community’s Quality of Life. *Qualitative Health Research* , Vol. 26(1) 92–104
- Becker, B. (2013). Brincando na internet: descrição e análise das atividades lúdicas desempenhadas por crianças de 5 a 12 anos na internet. Dissertação de Mestrado defendida no PPGPSI/IPS/UFBA.
- Benninger, L.; Savahl, C. (2016), The use of visual methods to explore how children construct and assign meaning to the “self” within two urban communities in the Western

Cape, *South Africa International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being*, Vol.11.

- Beraldo, K. E. A. & Carvalho, A.M.A. (2003). Na Cidade Grande. In A. M. A. Carvalho; C. M. C. Magalhães; F. A. R. Pontes & I. D. Bichara (Orgs), *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca, v. I* (. 157-185). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Berinstein, S.; Magalhães, L. (2009). A study of the essence of play experience to children living in Zanzibar, Tanzania. *Occup. Ther. Int.* 16(2): 89–106.
- Bomtempo, Edda (1999). Brinquedo e educação: na escola e no lar. *Psicol. Esc. Educ.*, vol.3, n.1, pp. 61-69.
- Bichara, I. D.; Modesto, J. G.; França, D. A.; Medeiros, S.; Cotrim, G. (2011). Espaços externos para brincar: o olhar das crianças através de fotos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13 (3):167-179.
- Carvalho, A. M. A. & Pedrosa, M. I (2003). Teto, ninho, território: brincadeiras de casinha. In A. M. A. Carvalho; C. M. C. Magalhães; F. A. R. Pontes & I. D. Bichara (Orgs), *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca, v. II*, (.31-48). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Castonguay, G.; Jutras, S. (2009). Children's appreciation of outdoor places in a poor neighborhood. *Journal of Environmental Psychology*, 29, 101–109.
- Darwin, C. (1872). *The expression of the emotions in man and animals*. Oxford University Press.
- Eibl-Eibesfeldt, I. (1970). *Ethology: The biology of behavior*. Oxford, England: Holt, Rinehart, & Winston Eds.
- Ekman, P. (1973). *Darwin and facial expression*. New York, Academic Press.
- Elsley, S. (2004). Children's experience of public space. *Children & Society*, 1, 155-164.
- Evans-Agnew, R. A.; Rosemberg, M. S. (2016). Questioning photovoice research. *Qualitative Health Research*, Vol.26(8), pp.1019-1030
- Flick, U. (2009). *Introdução a pesquisa Qualitativa*, 3ª edição. Porto Alegre: Artmed.
- Griffiths, M. (2011). Favoured Free-time: Comparing Children's Activity Preferences in the UK and the USA. *Children & Society*, 25, 190-201.
- Guillemin, M. ; Drew, S. (2010). Questions of process in participant-generated visual methodologies . *Visual Studies*, Vol. 25, No. 2, 175-188.
- Halldén, G. (2003). Children's views of family, home and house. In P. Christensen & M. O'Brien (eds.) *Children in the city: home, neighbourhood and community*. London & New York: Routledge (pp 29-45).
- Johnson, G. A. (2011). A child's right to participacion: photovoice as methodology for documenting the experiences of children livinf in Kenian orphanages. *Visual Anthropology Review*, Vol.27(2), pp.141-161.
- Martins Filho, A. J.; Barbosa, M. C. S. (2010). METODOLOGIAS DE PESQUISAS COM CRIANÇAS. *Revista Reflexão e Ação*, v.18, n2, p.08-20.
- Moraes, M. S. & Otta, E. (2003). Entre a serra e o mar. In A. M. A. Carvalho; C. M. C. Magalhães; F. A. R. Pontes & I. D. Bichara (Orgs), *Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca* (pp. 127-157). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Pahl, K. (2006). An inventory of traces: children's photographs of their toys in three London homes. *Visual Communication*, 5 (1): 95-114.
- Poletto, R. C. (2005). A ludicidade da criança e sua relação com o contexto familiar. *Psicologia em Estudo*. v.10 n.1, 67-75.
- Rasmussen, K. (2004). Places for children – children's places. *Childhood*, 11(2), 155-173.
- Skånfors, L.; Löfdahl, A. & Hägglund, S. (2009). Hidden spaces and places in the preschool: withdrawal strategies in preschool children's peer cultures. *Journal of Early Childhood Research*, 7: 94.
- Soares, N. F. (2006). A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem Fronteiras*, v.6, n.1, pp.25-40.
- Valentine, G. (1997). "Oh yes I can." "Oh no you can't": Children and parents understandings of kids competence to negotiate public space safely. *Antipode*, 29(1), 65-89.
- Vila, P. (2013). The Importance of Photo-interviewing as a Research Method in the Study of Identity Construction Processes: An Illustration from the U.S.–Mexico Border. *Visual Anthropology*, 26: 51–68
- Wang, C. C. (2006). Youth participation in photovoice as a strategy for community change. *The Journal of Community Practice*, 14(1), 147-161.